



---

## Arte Contemporânea e Instalações de Jogo: uma revisão teórica

### Contemporary Art and Play Installations: a theoretical review

### Arte Contemporânea e Instalaciones de Juego: una revisión teórica

Nathalia Scheuermann dos Santos<sup>1</sup>



<https://orcid.org/0000-0002-7007-3104>

Rodrigo Saballa de Carvalho<sup>2</sup>



<https://orcid.org/0000-0002-8899-0998>

**Resumo:** O artigo é decorrente de pesquisa que, a partir dos Estudos Sociais da Infância em articulação com contribuições do campo da arte contemporânea, tem como objetivo analisar possibilidades envolvendo a arte contemporânea e a Educação Infantil, consoante o trabalho de Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2011; 2019). Trata-se de um estudo bibliográfico cujo foco de análise é o conceito de instalação de jogo e seus desdobramentos. A partir da análise do conteúdo de Bardin (2016), o artigo constitui-se por três unidades de análise: 1 - Instalações segundo a perspectiva de trabalho de Mariana Mucci, María de los Ángeles Arce e Paulina Lapolla; 2 - Instalações a partir do trabalho na formação inicial de professores; e 3 - Reverberações das instalações de jogo na pesquisa acadêmica com crianças. Assim, inferiu-se como diferentes possibilidades de trabalho com instalações podem oportunizar contextos de jogo e exploração, de produção de brincadeiras e performances pelas crianças.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Arte Contemporânea. Instalações.

**Abstract:** The article is the result of research that, based on Social Studies of Childhood in conjunction with contributions from the field of contemporary art, aims to analyze possibilities involving contemporary art and Early Childhood Education, in line with the work of Ruiz de Velasco Gálvez and Abad Molina (2011; 2019). It is a bibliographical study whose focus of analysis is the concept of game installation and its development. Based on Bardin's (2016) content analysis, the article consists of three units of analysis: 1 - Installations from the perspective

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação (PPGEDU - UFRGS) na Linha de Pesquisa: Estudos sobre Infâncias. Mestra em Educação (PPGEDU - UFRGS). Graduada em Pedagogia (UFRGS). Professora de Educação Infantil. Integrante do CLIQUE – Grupo de Pesquisas em linguagens, currículo e cotidiano de bebês e crianças pequenas (UFRGS). E-mail: natyscheuer@gmail.com

<sup>2</sup> Pós-Doutor em Educação (UFPEL). Doutor em Educação (UFRGS). Mestre em Educação (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha de Pesquisa: Estudos sobre Infâncias. Professor da área de Educação Infantil do Departamento de Estudos Especializados (DEE) da Faculdade de Educação da UFRGS. E-mail: rsaballa@terra.com.br

of the work of Mariana Mucci, María de los Ángeles Arce and Paulina Lapolla; 2 - Installations based on work in initial teacher training; and 3 - Reverberations of play installations in academic research with children. It was thus inferred how different possibilities for working with installations can provide contexts for play and exploration, the production of games and performances by children.

**Keywords:** Early Childhood Education. Contemporary Art. Installations.

**Resumen:** El artículo es el resultado de una investigación que, partiendo de los Estudios Sociales de la Infancia en conjunción con aportaciones del campo del arte contemporáneo, pretende analizar las posibilidades que implican el arte contemporáneo y la Educación Infantil, en línea con los trabajos de Ruiz de Velasco Gálvez y Abad Molina (2011; 2019). Se trata de un estudio bibliográfico cuyo foco de análisis es el concepto de instalación de juego y sus desarrollos. Así, a partir del análisis de contenido de Bardin (2016), el artículo consta de tres unidades de análisis: 1 - Instalaciones desde la perspectiva del trabajo de Mariana Mucci, María de los Ángeles Arce y Paulina Lapolla; 2 - Instalaciones a partir del trabajo en la formación inicial docente; y 3 - Reverberaciones de las instalaciones de juego en la investigación académica con niños. De este modo, se infirió cómo las diferentes posibilidades de trabajo con instalaciones pueden proporcionar contextos para el juego y la exploración, la producción de juegos y actuaciones por parte de los niños.

**Palabras-clave:** Educación Infantil. Arte Contemporáneo. Instalaciones.

## Considerações iniciais

A arte contemporânea, em sua variedade de materialidades, suportes, espaços, sentidos e estética, propicia interessantes e potenciais referentes para a criação de propostas que ultrapassem os moldes mais habituais envolvendo a arte (como o uso de folha branca A4, pinturas apenas com pincéis pequenos, desenhos para colorir...), tendo em vista as crianças da Educação Infantil. Entendemos, em concordância com Abad Molina (2008), que, *assim como os artistas contemporâneos, as crianças identificam-se com os espaços como um palco para realizar um ato repleto de prazer estético*. Nesse sentido, não temos a intenção de comparar crianças e artistas, mas sim evidenciar semelhanças quanto à abertura com a qual crianças e artistas interpretam e apropriam-se dos espaços e objetos. Quando pensamos na arte contemporânea e, por exemplo, obras *in situ*<sup>3</sup>, instalações, performances, esculturas, temos uma vasta série de obras que exploram, instigam e modificam o espaço na qual estão situadas, de acordo com a intenção do(a) artista. Desse modo, é possível surpreender-se com algo não pensado ou ainda olhar para aquilo que é comum, conhecido, mas cotidianamente passa despercebido. Por sua vez, ao refletirmos sobre as crianças pequenas, destacamos os contextos de brincadeiras criados em diferentes espaços (tanto públicos, como praças, na rua ou *shoppings*, quanto privados, como em escolas e suas casas) que não foram pensados para tal fim, mas que, a partir do olhar das crianças, naquele momento, são dotados de novas significações. Sendo assim, entendemos que crianças e

---

<sup>3</sup> Obras de arte *in situ* são aquelas criadas especificamente para determinado local, considerando as características dele.

artistas, com suas diferenças, convidam (e inspiram) a outros modos de olhar, estar e sentir pelos espaços por onde passam.

Consideramos que, para toda comunidade educativa, a arte pode oferecer “elementos extraordinários na construção de estruturas afetivas que organizam ritmos coletivos e rituais estéticos” (Abad Molina, 2008, p. 326), uma vez que, por meio de espaços estruturados a partir da arte, as crianças têm a possibilidade de ressignificar o local, os materiais e objetos, bem como construir, por intermédio das interações e relações estabelecidas, novas formas de ser e estar ali, atribuindo novos sentidos ao cotidiano. Tal concepção dialoga com o que aponta Cunha (2017), ao argumentar que a escola deveria ser o *primeiro espaço deflagrador das múltiplas linguagens artísticas e expressivas* (gestual, plástica, verbal, dramática, musical...), posto que as crianças conhecem o mundo por meio de todos os sentidos “[...] e as experiências acontecem simultaneamente, sem que se precise classificar apenas como trabalho visual, de pintura, com sons – de um ou outro” (Santos; Carvalho, 2019, p. 30). Logo, entendemos que “[...] a ação das crianças, seu movimento, sua forma de percepção são questões que se conectam com a arte contemporânea” (Nalini, 2015, p. 58). Isso porque o “[...] caráter aberto, processual, interativo e manifesto por meio de inúmeras linguagens [...] torna a arte contemporânea um convite às interações, investigações e descobertas das crianças” (Santos; Carvalho, 2023, p. 7).

Nesse contexto, defendemos que o trabalho com arte desenvolvido com as crianças na Educação Infantil pode dialogar com o que é produzido atualmente na arte: obras que hibridizam linguagens, que utilizam os mais diversos materiais, cujo fim não consiste apenas de algo belo ou que apresente uma representação estrita. Assim, o trabalho com arte na Educação Infantil pode valorizar determinadas características de obras contemporâneas, como a abertura de significados e modos de interação, o uso de objetos comuns e a hibridização entre as linguagens, características que quebram um paradigma mais circunscrito em torno da admiração e reprodução de obras e da perspectiva de linguagens separadas.

Diante disso, compartilhamos a nossa compreensão de arte. A arte contemporânea se apresenta como “[...] um território estético novo, complexo e extremamente diversificado” (Duarte, 2008, p. 45), quando a comparamos com a arte clássica e moderna, centralizadas na produção final, na representação “realista” do mundo e com fronteiras bem segmentadas entre as linguagens. Desse modo, a arte contemporânea inaugura novas possibilidades de materiais, novos modos de relação com as exposições e uma nova concepção do que é considerado arte. Assim, é possível observar, nas práticas artísticas contemporâneas, o público como suporte e/ou partícipe da proposição do artista (Parente; Maciel, 2022), a abertura para exposições em outros espaços sociais, além dos museus e

galerias (Bulhões, 2019), e a ampliação das categorias<sup>4</sup> artísticas. “De fato, acreditamos que a arte contemporânea, pode ser entendida como inauguração do inesperado e como aquela que desperta questionamentos. Ou seja, como um vetor de provocação, espanto e encantamento” (Santos; Carvalho, 2021, p. 4).

Mediante tais considerações, discutiremos no presente artigo as *instalações de jogo* (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2019) como possibilidade de criar espaços, a partir da arte contemporânea, para a exploração das crianças pequenas. Conforme retratam Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2016; 2019), tais propostas se caracterizam como *espaços simbólicos e de jogo, inspirados nas manifestações da arte contemporânea através de instalações de diferentes artistas como referentes, os quais as crianças têm a possibilidade de transformar por meio do jogo livre*. Desse modo, as instalações de jogo são abertas às transformações e significações atribuídas pelas crianças, por meio de suas experiências individuais e compartilhadas.

Desse modo, este artigo tem como objetivo analisar seis obras de Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina e apresentar como o conceito – *instalação de jogo* – reverbera em outras práticas (Lapolla; Arce; Mucci, 2017; Guizzo; Carvalho, 2018; Santos, 2021) a partir dos referidos autores. Metodologicamente, o artigo é decorrente de uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2016), cuja materialidade investigativa é composta pelo seguinte corpus analítico: 1 - a tese *Iniciativas de Educación Artística a través del Arte Contemporáneo para la Escuela Infantil (3-6 años)* (Abad Molina, 2008); 2 - o artigo *El lenguaje corporal: simbología de las acciones en los espacios de juego* (Abad Molina, 2014); 3 - o primeiro livro *El juego simbólico* (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2011); 4 - o livro *El lugar del símbolo: El imaginario infantil en las instalaciones de juego* (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2019); 5 - o artigo *Lugares del juego y el encuentro para la infancia* (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2016); 6 - o livro *Experiencias artísticas con Instalaciones: trabajos interdisciplinarios de simbolización y juego en la escuela infantil* (Lapolla; Arce; Mucci, 2017); 7 - o artigo *Architettura di gioco nell' educazione infantile* (Guizzo; Carvalho, 2018); e 8 - a dissertação *Crianças, performances e arte contemporânea: instalações efêmeras de jogo na Educação Infantil* (Santos, 2021).

Em tal direção, a partir da análise de conteúdo dos materiais elencados, foram definidas as seguintes unidades analíticas: a) 1 - as instalações segundo a perspectiva de trabalho com experiências artísticas de Mariana Mucci, María de los Ángeles Arce e Paulina Lapolla; b) as instalações a partir do trabalho na formação inicial de professores; c) reverberações das instalações de jogo na pesquisa

---

<sup>4</sup>No que se refere às categorias artísticas, Bulhões (2019, p. 17) ressalta que, na modernidade, houve uma ampliação delas a partir da “incorporação do desenho, da gravura e da fotografia” ao conjunto clássico constituído pela pintura, escultura e a arquitetura no período clássico.

acadêmica com crianças. Após esta seção introdutória, na segunda, apresentamos uma revisão teórica sobre as obras selecionadas de Javier Abad Molina e Ángeles Ruiz de Velasco Gálvez; na terceira etapa, analisamos os desdobramentos a partir do conceito cunhado pelos referidos autores e, por fim, apresentamos as considerações finais do artigo.

### **Arte contemporânea e instalações de jogo nas obras de Ángeles Ruiz de Velasco Gálvez e Javier Abad Molina**

As propostas, envolvendo arte e instalações de jogo, vêm sendo mote de discussão em trabalhos anteriores nossos (Santos; Carvalho, 2023; Santos; Carvalho, 2021; Santos; Carvalho, 2019), os quais evidenciam como as instalações podem se configurar como um espaço que oportuniza a criação de brincadeiras, narrativas e performances pelas crianças. Apresentamos, nesta seção, uma seleção de obras a partir da produção dos autores Javier Abad Molina e Ángeles Ruiz de Velasco Gálvez, tendo, como intuito, a análise dos materiais apresentados na linha do tempo abaixo:

FIGURA I – Obras de Javier Abad Molina e Ángeles Ruiz de Velasco Gálvez



Fonte: Santos (2021, p. 97).

Ao ter a arte contemporânea como referência, para o trabalho com arte na Educação Infantil, Abad Molina (2008) destaca que se refere aos processos artísticos e criativos que foram desenvolvidos no período do pós-modernismo, os quais buscavam negar princípios modernistas. A arte contemporânea utiliza como “linguagem básica sua própria simbologia e se constitui quando os significados são compartilhados em uma comunidade” (Abad Molina, 2008, p. 300). Desse modo, a arte é (re)significada a partir das interações e encontros estabelecidos entre o público, a obra e o espaço. Compreendemos que determinadas características de obras contemporâneas, como a abertura, a possibilidade de estar em contato com certas obras, a aproximação à vida pela ampliação dos espaços de exposição, pelo uso de objetos comuns e pela mescla entre as linguagens, podem favorecer a criação

de propostas envolvendo a arte com as crianças, porquanto tais características quebram um paradigma mais circunscrito em torno apenas da admiração de obras e de linguagens mais bem definidas.

Nesse contexto, Abad Molina (2008) evidencia seu interesse com relação à arte contemporânea tendo em vista a característica de as obras serem abertas à interpretação do público e aos múltiplos sentidos. Assim, compreendemos, em diálogo com o referido pesquisador, que a arte contemporânea pode proporcionar a *criação de propostas que se baseiam na perspectiva “com” e “pela” arte*, em oposição ao sentido mais tradicional em torno da perspectiva de ser “para” a realização de outro fim. Sob uma perspectiva de preparação para determinado objetivo, desvalorizando o processo da criança ali envolvida ou ainda, como aponta Cunha (2019), sob a ótica do *treino motor*, da *criança essencialmente criativa* ou da *criação de um resultado que seja “bem feito”*.

Desse modo, as manifestações da arte contemporânea, com sua pluralidade de organizações, sentidos e estéticas, segundo Abad Molina (2008), podem configurar *espaços de jogo* por meio de instalações que situam crianças e adultos em contextos significativos, nos quais jogar é parte do processo criativo. Nesse viés, as novas organizações, constituídas na instalação de jogo pelas crianças, caracterizam-se como ato criativo que deriva de suas interações e novas significações atribuídas ao espaço e aos materiais nesse processo. Tais relações com os objetos e o espaço nas instalações, segundo o autor, convertem-se em uma dinâmica que possibilita o *acesso ao simbólico*. Assim, Abad Molina (2008) estabelece uma conexão entre a ideia de instalação e espaço de jogo, como um *lugar para incorporar novas experiências a partir do jogo simbólico*. Nessa concepção de instalação, como *território de jogo*, as crianças estão dentro da proposta, de maneira a experienciar e interpretá-la como “o ator que se movimenta no palco criado para o desenvolvimento de uma ação específica” (Abad Molina, 2008, p. 191). Isso quer dizer que “[...] as instalações de jogo se caracterizam como espaços abertos à exploração e reorganização por meio da criação de enredos sempre abertos à criação compartilhada” (Santos; Carvalho, 2023, p. 12).

Sob esse foco, Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2019, p. 206) afirmam que o objetivo é levar para a escola “a ideia que relaciona o conceito de arte com o jogo, o símbolo ou as linguagens metafóricas partilhadas por artistas e crianças” e não propriamente instalações de arte contemporânea.

Posto isso, a arte contemporânea, como inspiração para o trabalho com arte na Educação Infantil, pode contribuir também no avanço das discussões sobre arte, na referida etapa, para além de um instrumento de representação de determinada situação ou temática. Sua presença possibilita, nesse sentido, considerar a dimensão corporal, relacional, de transformações no espaço e ressignificação dos objetos, para além do plano, da folha e da tinta. Dessa maneira, Abad Molina (2008) propõe a introdução das instalações em espaços educativos como um contexto de beleza, de relacionamento, da ética e da estética, que proporciona às crianças criarem diferentes relações e interações que lhe

são próprias, por meio da transformação do espaço e objetos oferecidos de maneira específica, inicialmente. Compreendemos assim que, “[...] as interações estabelecidas nas propostas com instalações de jogo inauguram e/ou ressignificam os modos de ação das crianças consigo, com seus pares e com os materiais” (Santos; Carvalho, 2023, p. 12).

Considerando o exposto, a proposta caracteriza-se como um “lugar” para vivenciar novas experiências por meio das interações, do jogo e do brincar. Tal lugar aparece ao se iniciar a sessão, organizado de modo específico pelo adulto, visando seduzir esteticamente as crianças, convidando-as a entrar. Logo, como retrata Abad Molina (2008), é uma proposta que aparece e transforma-se pelas interações das crianças, modificando a ordem inicial, e desaparece ao fim da sessão. As instalações no contexto escolar podem modificá-lo e transformá-lo, propiciando novos significados para um mesmo local, por meio das experiências individuais e coletivas que ali são compartilhadas e construídas em um espaço que se estabelece como “novo”. Ademais, “a coreografia espontânea da ação lúdica gera uma imensa e surpreendente variedade interpretativa do espaço, dos objetos e das relações que se criam com os adultos e entre iguais” (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2019, p. 217). Nessa perspectiva, Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2016, p. 45) concebem as instalações de jogo um “lugar de transição entre o real e o simbólico em que tudo é possível”, caracterizando-se como um espaço simbólico, planejado e organizado de acordo com o contexto da escola e das crianças.

Com base em Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2019, p. 261), sublinhamos que as sessões com instalações de jogo desenvolvem-se consoante a uma dinâmica que contempla rituais de entrada e saída, ambos em relação, “não existem fases estruturadas como um programa, mas sim rituais de entrada e saída que marcam a diferença ou o limite entre a realidade externa e o lugar de expressão simbólica”. Desse modo, após a organização da proposta, a sessão acontece em uma dinâmica de: ritual de entrada ou boas-vindas, com possibilidade de desenho inicial e/ou expressão oral, momento de jogo livre na instalação, ritual de saída com possibilidade de realização de desenho/construção posterior e expressão oral. Os referidos pesquisadores destacam, ademais, que a dinâmica tem como referência o itinerário de uma sessão de prática psicomotora de Bernard Aucouturier.

Dessa maneira, a criação das instalações de jogo considera as características do grupo de crianças em questão, os materiais e espaços, apresentados em um sistema de ordem e estética, para convidar a entrada e provocar a transformação do proposto. Por consequência, oportuniza-se uma dinâmica de caos, que se refere “a uma desordem ordenada ou estruturada que permite a mudança e o gerenciamento de opções possíveis” (Abad Molina, 2014, p. 81), a partir da qual, segundo Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2019), é possível *destruir a ordem estabelecida pelo adulto* inicialmente, como forma de *apropriação e interpretação do espaço* pelas crianças. Isso significa transformar “a ordem que o adulto criou para permitir a deriva lúdica como a apropriação e interpretação do espaço, para

torná-lo seu no sentido físico e psíquico” (Abad Molina, 2014, p. 81). Tais apropriações acontecem por meio da realização de diversificadas ações corporais por parte das crianças e das transformações simbólicas que constituem com os objetos e o espaço da proposta.

Outro aspecto importante, na configuração das propostas de instalações de jogo, enfatizado por Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2016, p. 47), consiste na apresentação em um sistema de ordem a partir de “formas geométricas ou mandalas – círculos, espirais, estrelas ou quadrados”. A referida organização deve contemplar também, segundo os autores, tanto o plano horizontal como ideia de extensão, quanto o vertical como representação do crescimento, elevação ou equilíbrio. Seguindo a mesma lógica, os autores frisam que, geralmente, selecionam três tipos de objetos para compor a instalação de jogo. Tais objetos, na perspectiva de Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2019), expressam a ideia de *triangulação* para constituir uma associação criativa que possa interferir, complementar ou possuir múltiplas relações entre eles. Desse modo, os diferentes objetos/materiais podem ser empilhados, encobertos, encaixados, abertos, fechados, a depender de cada proposta. Reiteramos, em concordância com Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2011; 2016), que os objetos/materiais utilizados nas instalações de jogo são organizados com a intenção de oportunizar o estabelecimento de narrativas com base em suas funcionalidades, sensorialidades e no sentido simbólico que poderá ser atribuído pelas crianças.

Outra questão, relativa à escolha dos objetos/materiais que serão utilizados, consiste em suas características, como os tamanhos, os formatos, as texturas, as cores, bem como sua “função”, que devem ser pouco estruturados no sentido de possibilitar diversidade interpretativa, uma vez que brinquedos e objetos mais comerciais, com um fim determinado, acabam “configurando e pré-definindo os jogos que ocorrerão na atividade simbólica” (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2011, p. 183). Em síntese, a ideia é que os objetos e/ou materiais utilizados para compor uma instalação de jogo possam provocar ações divergentes e não limitadas a um modo restrito de uso e exploração. Para tanto, é necessário disponibilizar quantidade suficiente de cada objeto, de acordo com o número de crianças participantes do momento. Ou seja, “é necessário considerar a intencionalidade dos materiais, a combinação entre eles e a composição de tais elementos na configuração do espaço” (Santos; Carvalho, 2021, p. 8), pois a configuração da instalação de jogo contribuirá com as possibilidades de estabelecimento de jogos, interações e relações entre e pelas crianças.

Sob esse foco, Abad Molina (2008) assinala que a relação das crianças com objetos investidos de novas conotações torna-se um ato criativo. Salientamos, nesse sentido, que, a partir da continuidade das propostas, ampliando objetos e materiais, e oportunizando-os de maneiras diferentes, possibilita-se às crianças sofisticar e ampliar suas ações criativas, hipóteses e repertórios. Desse modo, a configuração da instalação de jogo atua como mediadora do “jogo de significados e das situações de



descoberta” (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2011, p. 191). As interações estabelecidas pelas crianças nas instalações de jogo, então, *poderão comunicar e expressar ideias, narrativas e hipóteses construídas a partir do jogo* (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2016), visto que não há um direcionamento por parte do adulto sobre como ou o que deve ser feito na proposta: as crianças “acessam esses espaços para ressignificá-los por meio do brincar livre e gerar uma coreografia espontânea de ação lúdica” (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2016, p. 39). Os referidos autores indicam que essa coreografia espontânea promove uma variedade de interpretações dos espaços, objetos e oportunizam novos modos de relacionar-se com o outro.

Sublinhamos, em concordância ao que indica Abad Molina (2008), que um espaço habitável, que seja interessante e convidativo, consiste em um espaço sugestivo, capaz de despertar a poesia e a sensibilidade estética dos sujeitos. Por isso, é necessário considerar o cuidado com a questão estética, uma vez que ainda é comum a criação de uma estética estereotipada para a infância. Logo, as instalações de jogo devem ser configuradas a partir de materiais, objetos e organizações estruturais e estéticas que propiciem às crianças a construção de imagens mentais potentes, para que fiquem elas abertas à sua exploração e ressignificação. Dessa forma, a concepção dessas propostas não necessita ser *excessivamente descritiva ou temática* (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2019), a intenção é que haja a possibilidade de criar como um espaço aberto.

Desse modo, as propostas com as instalações de jogo oportunizam diversas possibilidades de imaginários, situações, eventos, narrações e de relações entre as crianças, com o espaço e os objetos/materiais. Ademais, por meio da exploração, a proposta transforma-se, modifica-se, no encontro com as outras crianças presentes. São favorecidas diferentes situações de descobertas que tendem a acontecer pelas ações organizadas pelas crianças, individual e coletivamente, as quais se manifestam também como *interpretação do espaço e dos objetos através da experiência de cada uma* (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2011).

Dessarte, reiteramos que, por meio das propostas envolvendo instalações de jogo, cria-se uma possibilidade de acesso à arte e de articulação com a produção mais atual no campo. Nesse sentido, assim como as instalações de arte provocam o público a estar imerso nelas, *as instalações de jogo propiciam também estar "dentro" da proposta* (Abad Molina, 2008), por inteiro com os objetos e materiais, em uma dinâmica que possibilita a construção de significados, a transformação dos espaços, o estabelecimento de diferentes interações e relações entre as crianças e a proposta. Isso quer dizer que os referidos autores propõem uma possibilidade de encontro entre a arte, espaços escolares e crianças, por meio da criação de *instalações de jogo* (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2019), tendo em vista a arte contemporânea como referência. Por conseguinte, cada proposta de instalação de jogo concebe um novo cenário nas instituições, criando, como retrata Abad Molina (2008), certa

modificação nas rotinas e nos modos de relacionar-se de crianças e adultos, uma vez que as interações estabelecidas podem suscitar novas possibilidades, significações e imaginários.

Tendo em vista as discussões sobre a arte contemporânea e a Educação Infantil (Abad Molina, 2008; 2014; Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2011; 2016; 2019), entendemos que a proposta, com instalações de jogo, estabelecem argumentos teóricos que alicerçam o trabalho, por meio das características dessas proposições, da relevância, acentuada pelos autores, de considerar o contexto local, de pensar acerca da estética para a configuração desses espaços e na constituição deles como possibilidade de expressão corporal e simbólica pelas crianças para sua exploração e apropriação.

### **As instalações a partir da perspectiva de trabalho de Mariana Mucci, María de los Ángeles Arce e Paulina Lapolla**

A partir do referencial apresentado, que demonstra parte da construção teórica de Abad Molina (2008; 2014) e Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2011; 2016; 2019), com enfoque no conceito de *instalação de jogo*, esta seção destina-se a analisar de que maneira tal produção vem sendo interpretada por outros pesquisadores, de modo a caracterizar desdobramentos teóricos, ou seja, a partir de outras perspectivas e contextos. Para isso, inventariamos três discussões: a primeira trata-se do livro de Lapolla, Arce e Mucci (2017), denominado *Experiências artísticas com instalações: trabalho interdisciplinar de simbolização e brincadeira na escola infantil*; a segunda proposta consiste em um artigo na revista italiana *Infanzia*, dos autores Guizzo e Carvalho (2018), *Arquiteturas de jogos na Educação Infantil*; enquanto a terceira refere-se à dissertação da coautora<sup>5</sup> do presente artigo, intitulada *Crianças, performances e arte contemporânea: instalações efêmeras de jogo na Educação Infantil* (2021).

Em sua obra, Lapolla, Arce e Mucci (2017) apresentam uma série de experiências artísticas realizadas com instalações com as crianças, nas quais relatam terem encontrado uma perspectiva diferente de trabalho, a partir de práticas docentes envolvendo a arte em articulação com outros conhecimentos. As referidas autoras embasam seu trabalho segundo três referenciais – Reggio Emilia, Abad Molina e a educação através da arte. Elas destacam três pressupostos das escolas Reggio Emilia (Itália) como inspiração: o primeiro fundamenta-se pelo princípio da criança como um ser de potencialidades, capaz de construir aprendizagens em relação com os outros; o segundo princípio consiste no docente como figura que oferece às crianças experiências e uma escuta, por meio de todos

---

<sup>5</sup> A pesquisa foi desenvolvida pela autora do artigo Ma. Nathalia Scheuermann dos Santos e orientada pelo autor prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, na linha de pesquisa Estudos sobre Infâncias e CLIQUE - Grupo de Pesquisa em Linguagens, Currículo e Cotidiano de Bebês e Crianças Pequenas.

os sentidos; enquanto o terceiro diz respeito à perspectiva do espaço como outro educador, o qual favorece que as crianças possam explorar, participar e compartilhar com os outros.

O segundo referencial apontado pelas referidas autoras consiste na tese de Abad Molina (2008) e os livros de Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2011; 2019). Fundamentadas nesses estudos, Lapolla, Arce e Mucci (2017) consideram, para o seu trabalho, as *instalações como contextos de simbolização e jogo nas escolas infantis* (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2011) em que as crianças têm a possibilidade de criar, narrar e gerir seus projetos individuais e compartilhados com seus pares. A terceira referência, por seu turno, trata-se do enfoque da educação através da arte, Lapolla, Arce e Mucci (2017) evidenciam a *importância da vivência e da experiência como formas privilegiadas de construir um conhecimento que seja significativo para os sujeitos*. A partir dessas perspectivas, as referidas autoras argumentam que a introdução das instalações, como experiência estética no contexto escolar, possibilita o desenvolvimento da criatividade, da capacidade lúdica, da imaginação e do trabalho colaborativo nas crianças.

De maneira diferente de Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2019), as professoras Lapolla, Arce e Mucci (2017) propõem em sua obra a constituição de instalações em parceria com as crianças. Desse modo, a proposta é construída a partir de diferentes etapas de criação, que denotam uma sistemática de continuidade do trabalho. Inspiradas em obras de artistas, como Ernesto Neto, Virginia Fleck, Yayoi Kusama<sup>6</sup>, as autoras apresentam o trabalho desenvolvido com crianças no decorrer do livro, destacando os momentos que foram realizados coletivamente até chegar à montagem da instalação. Destacamos a potencialidade de pensar em uma construção coletiva com as crianças, considerando instalações de artistas, seus modos de trabalho, materiais utilizados e a disposição deles. Ressaltamos, ademais, os passos que foram desenvolvidos com as crianças na proposta de trabalho das autoras até a construção da instalação.

Em tal direção, Lapolla, Arce e Mucci (2017) retratam que, primeiramente, as crianças esboçaram, a partir do desenho, a disposição dos objetos no espaço, visando à planificação da instalação e buscando chegar a acordos coletivos sobre como seria sua montagem. Entre as diversas instalações que foram construídas e são apresentadas no livro, em algumas situações, houve também visita à exposição do artista referência e/ou visita do(a) artista à escola, com a participação das famílias das

---

<sup>6</sup> Apresentamos, brevemente, artistas que inspiraram as autoras: Ernesto Neto – artista brasileiro popularmente conhecido por suas obras de grandes dimensões que exploram o espaço, com suspensões, túneis, utilizando, como materialidades, tecidos, especiarias, miçangas...; Virginia Fleck – artista plástica de Austin (Texas/EUA), conhecida pelo seu trabalho com abas de latas de alumínio e mandalas com sacolas plásticas; Yayoi Kusama – artista plástica e escritora japonesa (Matsumoto, Nagano/Japão), seu trabalho é reconhecido pelas “bolinhas” e pontos (por ex.: *Dots Obsession* de 2003), a artista mistura pinturas, colagens, instalações, entre outras linguagens em suas obras.

crianças. Em continuidade a esses momentos, que envolviam observação e participação, Lapolla, Arce e Mucci (2017) expressam que se oportunizava às crianças a exploração de materiais e objetos que se relacionavam com a obra – os quais, no momento seguinte, eram utilizados para a construção da instalação.

Outra possibilidade interessante, criada pelas referidas autoras, é a de as crianças escolherem objetos de suas salas que se relacionam com a instalação, para serem incorporados à montagem. A instalação é montada considerando os acordos realizados e o desenho do esboço. Ao final, Lapolla, Arce e Mucci (2017) salientam que a proposta era explorada pelas crianças. Ressaltamos como essa perspectiva de trabalho explora os aspectos coletivos e prima pelo diálogo, pelo estabelecimento de acordos, envolvendo as crianças em todos os momentos, até a exploração da proposta.

Destacamos, a partir do processo desenvolvido e narrado, a relevância que Lapolla, Arce e Mucci (2017) concedem ao momento de apreciação das instalações criadas. As crianças são convidadas a observar e fazer um desenho sobre detalhes que lhes chamam atenção. Ao final, após a exploração, é realizado outro desenho, contemplando aspectos vislumbrados pela relação gerada na interação com a obra. Tal modo de desenvolvimento remete aos rituais de entrada e saída que Abad Molina (2008) e Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2019) situam em seu trabalho.

Por meio da narrativa apresentada pelas autoras na obra, fica nítida a característica processual do trabalho, no qual as crianças têm a oportunidade de envolver-se com os materiais e, entre elas, construir colaborativamente até o momento de finalização da instalação projetada. Em sua obra, Lapolla, Arce e Mucci (2017) ressaltam a importância de acompanhar o grupo no processo de criação, oportunizando que as crianças possam gerir seu próprio projeto de arte e jogo. Nesse viés, o docente torna-se um mediador, que auxilia e guia a organização planejada por cada grupo de crianças. É importante evidenciar que as referidas autoras consideram necessária uma atitude que seja ética e estética por parte do docente: ética no sentido de estar disponível e ouvir as crianças; e estética, de maneira a pensar e contribuir nas composições dos espaços, para que sejam convidativos às crianças. O trabalho docente, desenvolvido e narrado por Lapolla, Arce e Mucci (2017), evidencia a possibilidade de relacionar a arte no cotidiano com as crianças de maneira contextual e com continuidade, em uma dinâmica que possibilita a participação das crianças em processos de pesquisa, criação, exploração e de interação entre elas e os materiais utilizados.

### **As instalações a partir do trabalho na formação inicial de professores**

Por sua vez, no âmbito da formação inicial de professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS), Guizzo e Carvalho (2018), no artigo

*Arquiteturas de jogo na educação infantil*, apresentam um trabalho desenvolvido com sessões de instalações de jogo (Abad Molina, 2008; Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2011), realizado com crianças de dois e três anos em uma Escola Municipal de Ensino Infantil por duas professoras, (FACED/UFRGS), sob orientação de um dos autores. Foram desenvolvidas quatro propostas, que tiveram, como inspiração, *a poética do não valor do poeta brasileiro Manoel de Barros*.

Para compreender melhor o trabalho, Guizzo e Carvalho (2018) explicam que foi o neologismo criado por Manuel de Barros, *inutensílios*, que inspirou as professoras a constituírem as propostas. A perspectiva adotada baseia-se na ideia de que determinados objetos, que podem parecer sem utilidade aos olhos adultos, na percepção das crianças podem encontrar novos sentidos, ao serem reinventados em seus processos de exploração e interação. Nesse sentido, Guizzo e Carvalho (2018) evidenciam que as instalações desenvolvidas foram fundamentadas na compreensão das crianças como potencialmente curiosas e capazes de transformar aquilo que lhes é oportunizado.

Tendo como base os estudos de Abad Molina (2008), os referidos pesquisadores pontuam três aspectos norteadores do trabalho: o primeiro diz respeito à apropriação e transformação pelas crianças do que lhes é apresentado por meio do jogo simbólico; o segundo aspecto caracteriza-se pela relevância do trabalho com arquiteturas no sentido de envolver a imaginação e o uso do espaço e dos materiais de maneira diferente do habitual; e o terceiro ponto trata da transformação do espaço da arquitetura a partir da sua apropriação pelas crianças. Diante desse contexto, Guizzo e Carvalho (2018) destacam que as sessões de arquiteturas de jogo, desenvolvidas no trabalho, utilizaram diversos objetos e materiais que cotidianamente passam despercebidos pelos adultos. Ao mesmo tempo, para as crianças tais objetos, mesmo que conhecidos, geralmente se caracterizam como fora do alcance para o propósito de explorar e brincar. A exemplo disso estão os discos de vinil, esponjas, escovas de dentes e fitas cassete. A instalação abaixo, apresentada por Guizzo e Carvalho (2018), instiga-nos a pensar acerca de que maneira esses objetos podem ser ressignificados como suportes ou instrumentos de pintura pelas crianças.

FIGURA 2 – “INUTENSÍLIOS”



Fonte: Guizzo e Carvalho.

Entre as propostas desenvolvidas, os autores sublinham que os espaços foram intencionalmente organizados com os objetos escolhidos, com o intuito de que eles se tornassem *mediadores da comunicação e portadores de significados* (Abad Molina, 2008 *apud* Guizzo; Carvalho, 2018). Nessa direção, Guizzo e Carvalho (2018) apresentam o modo de organização das sessões e a escolha dos materiais. As duas primeiras focalizaram *inutensílios* relacionados ao som, uma dispo de discos de vinil, CDs e capas, ilhas com velcro, zíperes, colheres, tecidos e folhas de papel, no chão coberto com plástico bolha, enquanto, a outra, com vistas à continuidade da exploração, oportunizou instrumentos musicais não convencionais (*kazoo*, *washboard*, tubos de PVC). A partir das interações das crianças, os materiais e objetos oportunizados foram ressignificados para a produção de diferentes sons e, segundo Guizzo e Carvalho (2018), gradativamente, foram *transformados em base para a criação de narrativas compartilhadas e o desempenho de papéis*. Dessa forma, o trabalho descrito por Guizzo e Carvalho (2018, p. 294), desenvolvido pelas professoras com instalações de jogo, evidencia contextos “de liberdade e expressão livre, no qual a criança tem a oportunidade de se expressar com todo o corpo”.

A terceira sessão possibilitou o encontro das crianças com diferentes texturas, temperaturas e formatos. Para compor a proposta, Guizzo e Carvalho (2018) apontam que foram utilizados *inutensílios* de diferentes épocas, a maioria pouco conhecida pelas crianças (como fitas VHS, fitas cassetes e discos de vinil), além de bandejas para experimentação e exploração com diferentes texturas. A instalação seguinte foi organizada com tintas e outro conjunto de *inutensílios* (como pincéis, esponjas, espumas, discos de vinil e fitas VHS). Nesse viés, Guizzo e Carvalho (2018, p. 294) enfatizam que, durante as propostas, as crianças em pequenos grupos “tiveram a oportunidade de explorar as estruturas usando seus corpos para produzir sons, através de movimentos e gestos, experimentar sensações e se relacionar com os diferentes materiais e objetos”. Tendo em vista o trabalho de Guizzo e Carvalho (2018), ressaltamos o quanto o desenvolvimento de práticas em arte, para além do senso comum (como, por exemplo, centralização apenas na produção de desenhos em folhas A4/A3), na formação inicial no curso de Pedagogia, pode depois reverberar no desenvolvimento de práticas docentes capazes de ampliar o repertório das crianças, tanto de brincadeiras como de criações e de possibilidades no uso dos materiais/objetos.

### **Reverberações das instalações de jogo na pesquisa acadêmica com crianças**

No âmbito da pesquisa acadêmica, destacamos a dissertação *Crianças, performances e arte contemporânea: instalações efêmeras de jogo na Educação Infantil* (Santos, 2021), na qual foram desenvolvidas instalações de jogo com crianças de 3 a 5 anos, inspiradas por obras de diferentes artistas contemporâneos. A partir das sessões, as crianças constituíram interações e explorações próprias com os materiais, os espaços e com os outros. Tais propostas possibilitaram às crianças um espaço aberto para as suas interpretações e transformações, uma vez que se caracterizam como lugares que “sugerem o era uma vez como convite (e também provocação) para continuar uma e mil histórias onde o adulto propõe, mas é a criança quem interpreta os objetos e espaços oferecidos” (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2011, p. 23). Dessarte, tendo em vista essa característica de abertura, as instalações de jogo proporcionaram um contexto sensível para a produção de performances das crianças, a partir de suas brincadeiras, explorações e interações.

No contexto da investigação, Santos (2021) assinala que foi possível depreender que as crianças estabelecem performances de fazer de conta (Schechner, 2013) por meio de suas brincadeiras. Desse modo, quando fazem de conta, criando e interpretando um personagem, as crianças utilizam o corpo integralmente e de modo imaginativo. Ao produzir suas performances, as crianças realizam *modulações de corporalidade* (Caon, 2017), explorando diferentes vozes, movimentos, gestos e formas expressivas.

FIGURA 3 – “O baile”



Fonte: Santos (2021, p. 234-235).

Dessa maneira, um contexto de instalação de jogo, criado com pedaços de tecidos pendurados verticalmente, foi transformado, no contexto da narrativa visual acima, em uma floresta, na qual mãe e filha dançam em um baile. No que se refere a isso, salientamos como as instalações de jogo, propostas criadas intencionalmente inspiradas nas obras de artistas contemporâneos, foram importantes para que as crianças tivessem a possibilidade de interagir, brincar, criar com os materiais e performar.

Nesse sentido, conforme afirma Santos (2021), as brincadeiras das crianças nas instalações foram potentes para a *produção de atos performáticos*. A partir de performances de fazer de conta, as crianças ressignificaram as instalações de jogo propostas, atribuindo novos sentidos aos espaços e aos materiais. Dessa maneira, interpretaram monstros, princesas, gatos, mães, filhas e tantos outros personagens, reinventados por meio de suas ações e expressividades. Por sua vez, compreendemos, por intermédio da pesquisa, que as performances das crianças não são produzidas apenas em contextos de brincadeiras que envolvam o faz de conta.

Assim, como indica Santos (2021), as *performances de fazer acreditar* são evidenciadas a partir de ações das crianças para modificar as organizações vigentes. Ou seja, as crianças, “por meio de ações criativas, procuravam transformar alguns episódios vivenciados por elas, em suas interações, em estratégias de convencimento dos seus pares” (Santos; Carvalho, 2023, p. 5). Dessa forma, momentos de saída das sessões propostas, a conquista de materiais que desejavam ou, ainda, ações cotidianamente vistas como “transgressoras” (porque enfrentam a lógica de um corpo “dócil”), estabeleceram-se, no



contexto da pesquisa, como maneiras criativas de se expressar, de ser e estar perante o outro. Isto é, “estiveram em pauta [pelas crianças] negociações, argumentos e estratégias de convencimento, sempre acompanhadas de gestos, mudanças no tom de voz e expressão corporal” (Santos; Carvalho, 2023, p. 28).

Outro aspecto importante, relativo à constituição de *performances de fazer acreditar* (Schechner, 2013), trata-se do fato de que elas não possuem um “limite” marcado, como quando se faz de conta e é possível distinguir realidade cotidiana e performance. Tais performances estiveram presentes em situações de interação e exploração das crianças como possibilidades de fazer crer sobre seus desejos. Ademais, Santos (2021) destaca que as crianças participantes da pesquisa estiveram envolvidas em *ações criativas e poéticas rebeldes* (Almeida, 2019) *para convencer o outro dentro dos contextos vivenciados*. Tendo em vista o exposto, compreendemos que, desde as menores expressões das crianças até seus dizeres intensos pelo corpo, podem ser vistos como atos performáticos (Machado, 2010). Nesse contexto, fica nítido que “em suas performances, as crianças se expressam de corpo inteiro e atribuem novos sentidos aos espaços e materiais compartilhados nas instalações de jogo” (Santos; Carvalho, 2023, p. 28). Por conseguinte, valorizar as performances compartilhadas pelas crianças consiste em dar relevância às suas experiências corporais, gestuais e orais (Caon, 2017). Sob uma perspectiva de potência de seus corpos e de suas expressividades, argumentamos em torno do reconhecimento da autoria das crianças em seus processos de performances.

Os autores Lapolla, Arce e Mucci (2017), Guizzo e Carvalho (2018) e Santos (2021), considerando as especificidades e diferenças de cada trabalho, demonstram como a proposição de *instalações de jogo* (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2019) e de *instalações a partir da construção de experiências artísticas com as crianças* (Lapolla; Arce; Mucci, 2017), pode propiciar espaços de aproximação com a arte, oportunizar o estabelecimento de brincadeiras, de criação de narrativas simbólicas, de ações performativas e de diferentes tipos de interações entre crianças, materiais e o espaço. Entendemos que tais propostas corroboram a perspectiva de que “os espaços criam ações e as ações criam espaços” (Abad Molina, 2008, p. 217), em reflexo a uma dinâmica de retroalimentação da proposta: organização inicial – transformação dela pelas crianças – estabelecimento de novas organizações.

### **Considerações finais**

A proposta que pauta Abad Molina (2008) e Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2019) se baseia em uma perspectiva com o intuito de enriquecer e ampliar, simbólica e esteticamente, os espaços de jogo que são oportunizados às crianças, a partir da inspiração em instalações de artistas

contemporâneos. Diante do exposto, foi possível inferir sobre como, em diferentes âmbitos, como na prática docente com as crianças, no curso de formação inicial de pedagogos e na pesquisa acadêmica com crianças, é possível explorar e desenvolver propostas com instalações de jogo. Ao mesmo tempo destacamos, a partir das obras analisadas, a proposição de instalações de jogo como possibilidade de oportunizar contextos de jogo e simbolismo, de exploração e produção de brincadeiras e de performances pelas crianças.

Nessa direção, brincar, explorar, interagir em propostas de instalações de jogo inauguram novas formas de relação, de ser e estar com o outro, consigo e com aqueles materiais/objetos em determinado contexto. Como metáfora da realidade, as instalações de jogo podem *propiciar perder-se e encontrar, ser proteção e segurança, comunicação* (Abad Molina, 2008). Cada proposta de instalação de jogo, com base em seus referentes, materiais/objetos e sua organização, pode proporcionar a composição de diferentes interpretações e interações com tais peças. Dessa forma, a partir de sua apresentação, inaugura-se o “era uma vez...”, o início de variadas narrativas estabelecidas pelas crianças, considerando a apropriação da instalação ao realizar projetos e modificar a ordem inicial proposta.

Em concordância com Ruiz de Velasco Gálvez e Abad Molina (2019), não se deve pretender o desenvolvimento de um modelo didático ou uma orientação que gere dependências de como fazer/o que fazer e/ou inseguranças. Os referidos pesquisadores incentivam que cada educador possa desenvolver suas práticas de acordo com as especificidades que seu contexto profissional apresenta. Complementamos tal assertiva no sentido de que essas práticas possam estar em relação com as outras propostas desenvolvidas com as crianças, para que não seja algo episódico, em uma dinâmica pela “novidade” que pode acabar não tendo sentido para as crianças. Uma vez que impossibilita a continuidade, o desenvolvimento do trabalho pedagógico e a ampliação, sofisticação das ações, hipóteses e construções dos meninos e meninas.

Diante dessas considerações, reiteramos a arte como um direito das crianças, que, por vezes, em suas experiências no âmbito escolar, acabam por ter contato com ela sob uma perspectiva estritamente funcionalista. Fazemos a defesa pelo trabalho tendo em vista a arte contemporânea como referência, parte do *nosso tempo atual, condizente com as problemáticas e contextos contemporâneos* (Cunha, 2017) e, nesse caso, pela criação e proposição de *instalações de jogo* (Ruiz de Velasco Gálvez; Abad Molina, 2019, tendo em vista a “intencionalidade dos/as docentes” para aquele determinado momento (Santos; Carvalho, 2021). Dessa forma, compreendemos que a multiplicidade de materiais, suportes e estéticas das obras podem ser potentes referenciais para a criação de propostas com instalações que convidem, instiguem as crianças e possibilitem assim a sua participação, a produção de

brincadeiras, de performances e o estabelecimento de outras formas de relação com os espaços da escola.

## Referências

ABAD MOLINA, J. **Iniciativas de Educación Artística a través del Arte Contemporáneo para la Escuela Infantil** (3-6 años). 2008. 556 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Didáctica de la Expresión plástica, Facultad de Bellas Artes, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2008.

ABAD MOLINA, J. El lenguaje corporal: simbología de las acciones en los espacios de juego. In: SARLÉ, P.; IVALDI, E.; HERNÁNDEZ, L. (Org.). **Arte, educación y primera infancia: sentidos y experiencias**. Madrid: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), 2014. p. 67-86.

RUIZ DE VELASCO GÁLVEZ, A.; ABAD MOLINA, J. **El juego simbólico**. Buenos Aires: Noveduc-Graó, 2011.

RUIZ DE VELASCO GÁLVEZ, A.; ABAD MOLINA, J. Lugares del juego y el encuentro para la infancia. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 71, p. 37-62, 2016.

RUIZ DE VELASCO GÁLVEZ, A.; ABAD MOLINA, J. **El lugar del símbolo: El imaginario infantil en las instalaciones de juego**. Barcelona: Editorial Grao, 2019. (Edição do Kindle).

ALMEIDA, R. T. G. **Performances desobedientes compartilhadas com crianças: diário do professor-performer**. 2019. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27166>. Acesso em: 02 set. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BULHÕES, A. **Arte contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: C/Arte, 2019.

CAON, P. M. Jogos, performances e performatividades na escola: das experiências corporais à problematização de discursos. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 37, n. 101, p. 107-130, jan.-abr. 2017. Disponível em: <https://scielo.br/j/ccedes/a/nWNTG64gDt9w4DvsKrdSdCz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 set. 2024.

CUNHA, S. R, V. A importância das artes na infância. In: CUNHA, S. R. V. (Org). **As Artes no Universo Infantil**. Porto Alegre: Mediação. 2017. p. 11-54.

CUNHA, S. R, V. Como vai a Arte na Educação Infantil? **Revista Apotheke**, Santa Catarina, v. 5, n. 3, ano 5, p. 10-24, dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/16827/11114>. Acesso em: 02 set. 2024

DUARTE, P. S. **Arte Brasileira contemporânea: um prelúdio**. Rio de Janeiro: Silvia Roesler Edições Arte, 2008.

GUIZZO, B. S.; CARVALHO, R. S. Architetture di gioco nell' educazione infantile. **Rivista Infanzia**, p. 291-294, 2018.

LAPOLLA, P.; ARCE, M. A.; MUCCI, M. **Experiencias artísticas con Instalaciones**: trabajos interdisciplinarios de simbolización y juego en la escuela infantil. Buenos Aires: Noveduc, 2017.

MACHADO, M. A Criança é Performer. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 115-137, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v35n02/v35n02a08.pdf>. Acesso em: 02 set. 2024

NALINI, D. **Construindo Campos de Experiências**: Creche, Arte contemporânea e a poética das crianças de 0 a 3 anos. 2015. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16122015-092949/pt-br.php>. Acesso em: 02 set. 2024

PARENTE, A.; MACIEL, K. Apresentação da 1ª edição. 2022. In: BASBAUM, R. **Arte contemporânea brasileira (1970-1999)**: texturas, dicções, ficções, estratégias. São Paulo: Editora Circuito, 2022.

SANTOS, N. S. **Crianças, performances e arte contemporânea**: instalações efêmeras de jogo na Educação Infantil. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/259838>. Acesso em: 02 set. 2024

SANTOS, N. S.; CARVALHO, R. S. Arquiteturas efêmeras de jogo e Educação Infantil: diálogos com a arte contemporânea. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 5, n. 3, ano 5, 2019. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/16161>. Acesso em: 02 set. 2024.

SANTOS, N. S.; CARVALHO, R. S. As crianças e suas performances em contextos de instalações de jogo: diálogos entre Educação Infantil e Arte Contemporânea. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-24, e-17640.065, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17640>. Acesso em: 02 set. 2024.

SANTOS, N. S.; CARVALHO, R. S. Entre o Fazer de Conta e o Fazer Acreditar: as crianças e suas performances em instalações de jogo. **Revista Brasileira Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, e124009, 2023. Disponível em: <https://scielo.br/j/rbep/a/qcTBczNsWWknRWwDjGP7NsH/abstract/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 02 set. 2024.

SCHECHNER, R. **Performance studies**: an introduction. 3rd ed. London; New York: Routledge, 2013.

Recebido: 29/11/2024

Aceito: 11/02/2025

Received: 11/29/2024

Accepted: 02/11/2025

Recibido: 29/11/2024

Aceptado: 11/02/2025

